



Impactos no mundo rico

Crise financeira custou 6900 euros a cada cidadão

09.2009 - 08h18 José Manuel Rocha

A crise financeira que eclodiu após o desmoronamento do sistema de crédito de alto risco (*subprime*) nos Estados Unidos custou a cada cidadão dos países mais ricos cerca de 10.000 dólares (o equivalente a 6900 euros).

As contas foram feitas pela BBC online, a partir dos dados coligidos pelo Fundo Monetário Internacional e relativos aos apoios públicos que os governos dos países mais ricos disponibilizaram para as empresas (do sistema financeiro e de outros sectores) para evitar que entrassem em colapso e com isso afectassem o equilíbrio e a sustentabilidade das economias globalmente consideradas.

Uma parte importante deste dinheiro foi disponibilizado, mas vai ser devolvidos aos tesouros públicos. Outra parte foi cativada para dar suporte a garantias de empréstimos contraídos no período em que a fluidez do crédito se reduziu a níveis dramaticamente baixos. Mas há uma parte significativa que foi injectada na economia a fundo perdido, sem qualquer horizonte de retorno.

Esta é uma das consequências da crise económica mais profunda dos últimos 60 anos, que os indicadores dizem estar a começar a desvanecer-se. Mas há outros efeitos a ter em conta e que o canal britânico de informação também recorda. Um deles é a clara desaceleração da produção de riqueza a nível mundial.

Este ano, partindo do princípio de que a economia global vai conhecer um recuo de 2,3 por cento e de que, em períodos normais, a humanidade aumenta a sua riqueza em cerca de dois por cento médios ao ano, a perda líquida do produto interno bruto planetário será de cerca de 1,4 biliões de euros, quase dez vezes a riqueza que se produz em Portugal ao longo de um ano.

A Administração norte-americana é a campeã dos apoios públicos para enfrentar a crise, com a libertação de 3,6 biliões de dólares para dinamizar o sistema económico. Mas este valor corresponde apenas a 26 por cento do seu produto interno bruto, enquanto os 2,4 biliões de dólares que o Governo britânico disponibilizou são praticamente o total do PIB inglês num ano cruzeiro.

Apesar do maior caudal de noticiário sobre a crise ter origem nos Estados Unidos, o Reino Unido sofreu e continua a sofrer com os impactos associados ao subprime e aos produtos dele derivados. A City, um dos símbolos do capitalismo moderno, assistiu à agonia de muitos dos seus ícones, salvos in extremis pelo Governo Brown, que no pico do descalabro teve mesmo que assumir o papel de bombeiro do sistema financeiro.

Os impactos da crise não se ficam apenas pelos grandes bancos, que, não se pode esquecer, tiveram que proceder a abates de activos equivalentes aos lucros dos últimos dez anos. A estrutura financeira de muitas das grandes casas bancárias mundiais desmoronou-se quando o preço do imobiliário entrou em declínio nos EUA e no Reino Unido e as hipotecas deixaram de ter um valor que suportasse os encargos do crédito concedido para a aquisição de habitação.

Mas os cidadãos também contabilizam perdas. Desde logo porque as casas que compraram valem agora muito menos do que pagaram para as adquirir. E os produtos financeiros em que investiram as suas poupanças registaram uma forte diluição de valor. A BBC situa as perdas associadas a produtos derivados do subprime em cerca de 1,6 biliões de dólares.

Toda esta cascata de consequências leva os analistas a defenderem que o regresso a uma situação financeira global confortável pode ainda levar décadas a conseguir-se.